



CARTA ANUAL DO SUPERIOR GERAL
AOS CONFRADES DA SOCIEDADE SÃO PAULO

**Artesãos de Cristo
na cultura da comunicação**

Caríssimos irmãos,

A terceira etapa do nosso caminho após o XI Capítulo Geral nos oferece a oportunidade de aprofundar ainda mais as muitas facetas da nossa identidade. Em particular, consideraremos o nosso ser “artesãos de comunhão”, um percurso que se renova passo a passo e que não queremos negligenciar. O objetivo do Capítulo Geral – «*Transformai-vos, renovando a vossa mente*” (Rm 12,2). *Deixando-nos transformar pela escuta da Palavra de Deus, em diálogo com o mundo em profunda metamorfose, nós, “editores” Paulinos, nos comprometemos a ser artesãos de comunhão para anunciar profeticamente a alegria do Evangelho*» – nos leva agora a refletir sobre o convite para sermos criativos e generativos. Artesãos na arte da comunicação que, para nós Paulinos, é testemunho e anúncio do Evangelho, na comunhão entre nós e com Deus.

Em uma mudança de época, em um tempo de mutação da comunicação devido à forte presença das linguagens digitais – e hoje em particular da inteligência artificial – também a nossa missão precisa tomar novos caminhos e abraçar novas oportunidades, de “editores” Paulinos que encarnem a figura do artesão, ou seja, daquele que inventa algo que ainda não existe, nunca repetitivo, corajoso, imerso no Espírito, n’Aquele que faz novas todas as coisas¹.

O compromisso de ser “artesãos” como foi Pe. Tiago Alberione com os primeiros Paulinos – empreendedores com a imprensa, o rádio, o cinema e outras formas de apostolado – evidencia como em muitas situações a nossa geração perdeu essa qualidade, preferindo operar com o já conhecido. Não se trata de mudar por mudar e nem de multiplicar as iniciativas apostólicas, mas de gerar, criar, dar vida como o artesão dá vida. Nosso passado tão cheio de novidades não só deve ser conhecido, mas também assimilado em profundidade, para que se torne inspirador de novos caminhos, de contextos comunicativos nos quais a humanidade de hoje possa vislumbrar os sinais daquela esperança que não decepciona.

I. O ícone do artesão

A imagem do artesão é particularmente significativa. Quem é o artesão²? É aquele que exerce um trabalho com empenho, com paciência, com constância e com maestria. Produz objetos cuja realização requer grande capacidade técnica e gosto estético. É assim um profissional, mas também um artista, um criativo, um inovador minucioso. Ele se envolve no que faz, “suja as mãos” e o que realiza é como uma extensão de sua pessoa. Ele dá vida, cria. Trabalha em uma oficina com constância e paixão, cuida dos detalhes e tudo o que faz é para outra pessoa. Confia em seus colaboradores. Um bom artesão cria um estilo que perdura no tempo, confiando os segredos de seu ofício às novas gerações e por isso é reconhecido pelas pessoas, apreciado e procurado.

¹ Cf. Ap 21,5.

² Documento preparatório para o XI Capítulo Geral, Roma, Casa Generalizia, 2020.

O Papa Francisco, descrevendo a figura do artesão, nos lembra que ele «tem um olhar original sobre a realidade. Tem a capacidade de reconhecer na matéria inerte uma obra-prima antes mesmo de realizá-la. O que para todos é um bloco de mármore, para o artesão é um elemento de mobiliário; o que para todos é um pedaço de madeira, para um artesão é um violino, uma cadeira, uma moldura! O artesão chega antes de todos a intuir o destino de beleza que a matéria pode ter. E isso o aproxima do Criador»³.

Os traços “humanos” do artesão, suas qualidades pessoais nos mostram algo que frequentemente esquecemos. O trabalho é uma arte divina, que pertence à harmonia da criação⁴: não é pura produção repetitiva de objetos.

Poderíamos continuar, mas estes breves apontamentos já permitem refletir sobre quem é o “editor” Paulino, qual deve ser seu estilo de vida, sua maneira de se colocar diante da evangelização. Precisamos superar uma visão “produtivista” e “repetitiva” do apostolado para assumir uma abordagem que coloque em primeiro lugar a pessoa e tudo o que ela pode doar para o Evangelho em criatividade, paixão e engenho. O artesão vive em espaços generativos e pensa de modo generativo. As nossas próprias comunidades devem ser repensadas como lugares de criatividade, “oficinas de evangelização”, que têm no centro de sua atividade um sonho, uma visão, uma experiência de vida para comunicar, uma Pessoa para fazer conhecer... Dessa forma, as fronteiras da mentalidade do apóstolo progressivamente se alargam e com elas as da evangelização. O artesanato – tão pouco amado pela globalização – nos oferece uma imagem eloquente. Focar nela nos permite enfatizar que ainda há muito a descobrir sobre nossa missão, à luz de um contexto comunicativo que oferece novos caminhos para a missão, tendo presente que «nenhum algoritmo poderá substituir a poesia, a ironia e o amor»⁵.

O Papa Francisco acrescenta outro elemento à nossa reflexão: «O artesanato é um caminho para trabalhar, para desenvolver a imaginação, para melhorar os ambientes, as condições de vida, as relações. Por isso gosto de pensar em vocês também como artesãos de fraternidade. A parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37) nos lembra este artesanato das relações, do compartilhar juntos. O samaritano se fez próximo, inclinou-se e levantou o homem ferido colocando-o de pé e ungindo-o de dignidade através dos gestos de cuidado»⁶.

Daqui extraímos o segundo aspecto que nos é caro: a comunhão. A fraternidade é uma dimensão do viver juntos, das relações de qualidade. Junto com a escuta, o diálogo e o perdão⁷, a fraternidade nos indica que viver como irmãos implica viver uns pelos outros. O ser artesãos de fraternidade interpela nossas comunidades paulinas e seus lugares apostólicos. A fraternidade, portanto, não pode ser entendida apenas como uma experiência em que buscamos um certo “bem-estar”, um estar bem juntos, tranquilos e longe dos problemas, mas sobretudo como o espaço do dom recíproco. O ato de comunicar, em seus diversos aspectos, é feito para criar relações, fraternidade e, no grau mais alto, comunhão⁸.

2. Uma arte que nasce da comunhão

A comunhão qualifica o estilo de vida do cristão, nossa vocação, o sentido do seguimento do Mestre... e é o fim da missão paulina⁹. «Que todos sejam um», reza Jesus: «Como tu, Pai, estás

³ Papa Francisco, Discurso às delegações da *Confartigianato*, Cidade do Vaticano, 10 de fevereiro de 2024.

⁴ Cf. Gn 2,2-3.15.

⁵ Papa Francisco, “Uma universidade com o cheiro de povo”. Discurso durante o encontro na Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 5 de novembro de 2024.

⁶ Papa Francisco, Discurso às delegações da *Confartigianato*, Cidade do Vaticano, 10 de fevereiro de 2024.

⁷ Papa Francisco, *Angelus* de 19 de fevereiro de 2017.

⁸ Valdir José de Castro, Carta anual. Apóstolos comunicadores. Para uma cultura do encontro, Roma, 2018.

⁹ Cf. Comissão Teológica Internacional, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 2 de março de 2018, n. 6.

em mim e eu em ti, que eles estejam em nós» (Jo 17,21). Viver um para o outro é o dinamismo da Trindade e, portanto, da Igreja. Comunhão não de coisas, mas de pessoas que, na relação recíproca, encontram o sentido da própria vida.

São Paulo, na Primeira Carta aos Coríntios, descreve o rosto da comunhão, torna-a ainda mais visível; aliás, leva-nos ao coração da própria comunhão, que é a Eucaristia. Deste memorial da Páscoa de Jesus nasce a consciência de ser Igreja, povo santo reunido pelo Senhor para celebrar o dom da vida nova, onde o dom a ser acolhido é o Pão da Vida que nos nutre, até podermos dizer com Paulo: *«Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim»* (Gl 2,20). São verdadeiramente iluminadoras as suas palavras: *«Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão»* (1Cor 10,17).

O Concílio Vaticano II, na Constituição dogmática *Lumen Gentium*, aprofundou essa identidade da Igreja e reafirmou o mistério de amor que expressamos ao ser um único corpo, uma comunidade que no Batismo encontra a força de caminhar juntos, enquanto amados pelo mesmo Pai. Há uma eclesiologia de comunhão¹⁰ que jamais devemos esquecer, pois a Igreja manifesta sua identidade e se torna testemunha do Evangelho somente no amor recíproco. A própria sinodalidade é um modo concreto que expressa esse aspecto da vida cristã, pelo qual, caminhando na mesma estrada, aprendendo a nos escutar, valorizando os dons de cada um e participando dos acontecimentos da humanidade... nós testemunhamos que é Cristo quem nos chama à comunhão com ele¹¹.

O sentido da vida consagrada, e de modo particular do viver em comunidade, está estreitamente ligado à comunhão. Comunidade não de indivíduos que se esforçam para estar juntos, mas de irmãos que no acolhimento recíproco manifestam as palavras de Jesus: *«O amor com que me amaste esteja neles e eu neles»* (Jo 17,26). Se a comunhão é assim central para nossa vida cristã, se ela define nossa identidade de consagrados, então se compreende por que a mesma comunhão se torna o sentido da missão. Não temos nada mais a anunciar senão Deus *«tudo em todos»* (1Cor 15,28).

Há um termo que, embora pertencendo à cultura digital, por sua conotação simbólica tem algo a dizer também em relação à comunhão: “conectar-se”. A conexão é o pressuposto necessário para responder à necessidade humana de relações profundas. Conectar-se é uma ação que pertence à “cultura do encontro”. Pressupõe que ao pedido de entrar em contato haja também uma aceitação explícita, indispensável para que exista uma verdadeira comunicação. Em particular, a conexão expressa o desejo da Igreja de permanecer em relação com uma sociedade que está sim em rede, mas frequentemente imersa na solidão, pois não encontra alguém que testemunhe que é possível viver uns pelos outros. Somente deste amor recebido como dom emerge o sentido último da vida humana. *«As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem” (GS 1) são ainda uma vez as alegrias e as tristezas de todos nós, discípulos de Cristo»*.¹²

Conectar-se é oferecer a possibilidade de saborear a presença uns dos outros, é suscitar o desejo de compartilhar a vida¹³, pelo qual *«o que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida, vo-lo anunciamos, para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo»* (1Jo 1,1.3).

¹⁰ Idem, n. 107.

¹¹ Cf. 1Cor 1,9.

¹² Documento final da segunda sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (2-27 de outubro de 2024), Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão, 26 de outubro de 2024, n. 2.

¹³ Vivian D., *Chiesa comunione: desiderio e profezia dal Vaticano II ad oggi*, in *Vocazioni* 1 (2012), p. 27.

3. A importância da relação

A comunhão é também um dos âmbitos da criatividade do artesão. Para quem cria, é o rosto de seu interlocutor que é a finalidade de sua obra e o projeta para fora de si, uma ação que pressupõe o amor. Criar não é apenas produzir um objeto, mas primariamente é tecer relações que libertam da solidão, um dinamismo que não tem fim.

O próprio ato de criar não responde simplesmente a necessidades, quaisquer que sejam, e menos ainda às leis do mercado apenas. Criar é o lugar onde o artesão não só expressa a própria “humanidade”, mas também algo mais. O mesmo vale para nós. No Batismo, nossa vida se uniu estreitamente a Cristo e sua presença em nós nos torna filhos no Filho, imersos no mistério da divino-humanidade. Criar, portanto, expressa nossa “humanidade” e nossa “divindade”, nosso ser filhos de Deus, feitos à imagem do Filho. Quando o homem cria, o faz como pessoa divino-humana na qual também o Filho opera. Opera no sentido de que ele mesmo nos toma pela mão para que vivamos nossa humanidade como ele a viveu: como Filho do Pai. Por isso, ser artesão é uma vocação, um chamado a participar da ação criadora de Deus que, desde as primeiras páginas da Escritura, é apresentado como um artesão: ele, como um oleiro, molda o homem em Gn 2,7; como um arquiteto, edifica a mulher em Gn 2,22. Também o Sl 139, repensando a ação criadora de Deus, o imagina como um hábil tecelão, capaz de criar “prodígios” com um material muito modesto!

Quão necessário é não esquecer que nosso apostolado não é uma obra individual! A fecundidade na evangelização provém da relação, da comunhão tanto com Jesus Mestre quanto com o confrade. E é por isso que o ato de criar é uma das vias mais fecundas para viver um processo de “transfiguração”¹⁴. Se verdadeiramente nosso apostolado é permeado de relação, quem entra em contato com o fruto do nosso trabalho não vê apenas nós, mas o Pai que nos gerou e experimenta que é a comunhão o que fecunda e dá sentido à nossa história.

Nesta passagem de época, onde é mais fecundo “mostrar” do que “demonstrar” a proximidade de Deus, é sim necessário testemunhar como Paulinos o Evangelho, mas também narrar nosso cotidiano, nosso modo ordinário de viver o apostolado juntos, que não quer dizer “fazer todos a mesma coisa”, mas sentir que todos, embora diferentes entre nós, somos chamados a viver nossa humanidade como vive a Trindade, na comunhão.

Quão verdadeiramente atraente é uma comunidade que cria junto! Quem vê esta comunhão fica como que surpreso, fascinado por sua própria beleza, sente nostalgia de uma vida mais orgânica¹⁵ e entra em contato com uma experiência que de fato é uma proposta de vida. Cada gesto, cada apostolado, se expressa o corpo de Cristo, torna-se comunicativo porque dá concretude ao amor, mostra o amor encarnado. Acontece assim quando escrevemos um livro, quando diagramamos uma revista, quando postamos uma foto, quando damos vida a uma página web, realizamos um vídeo para o YouTube, quando organizamos um curso de comunicação ou um encontro vocacional com os jovens, quando nos empenhamos em um percurso de animação bíblica, quando falamos no rádio ou passamos todo o dia na livraria, quando nos dedicamos à pastoral... mas também quando tornamos acolhedora a nossa casa, preparamos a comida, visitamos um amigo ou um confrade doente. Este estilo de vida atrai e transfigura, muda em profundidade, nos faz viver uma verdadeira metamorfose, aquele processo de cristificação, que é a meta da criatividade e da própria vida Paulina.

A comunidade, portanto, não é um lugar genérico, mas uma casa onde as relações são mais importantes que os papéis, onde o que nos mantém unidos não é simplesmente um interesse, mas o mesmo pai. Para a nossa Família Paulina, aquele que nos “gerou”, aquele que acolhendo

¹⁴ Brozovič A., *La creatività, esperienza della figliolanza*, Lipa Edizioni, Roma 2022, p. 110.

¹⁵ Idem, p. 179.

em si a vida de Deus fez nascer uma “casa”, um modo bem específico de amar a humanidade e de ser apóstolos como São Paulo é o Bem-aventurado Tiago Alberione.

4. Paulinos: artesãos da evangelização

A arte da missão paulina encontra em São Paulo seu ponto de referência e no Pe. Alberione o artesão que soube reinterpretá-la nos novos tempos. A experiência deles tornou-se então a de tantos Paulinos e Paulinas que, envolvidos e apaixonados pelo Apóstolo e pelo Fundador, deram tudo pelo apostolado, tanto nas comunidades que aos poucos surgiam na Itália, quanto progressivamente em todos os continentes. Estamos falando das primeiras décadas de nossa história, dos anos 1930 em diante, de uma fase que por pelo menos trinta anos viu a Família Paulina em expansão em termos de membros, casas e iniciativas apostólicas.

4.1 Artesãos da “primeira hora”

Lendo o “livro” de nossa história, encontramos tantos nomes, tantos rostos que com fé e audácia partiram confiando na palavra do Pe. Alberione. Uma geração de verdadeiros pioneiros da evangelização com os meios de então, artesãos que frequentemente tinham que inventar algo para se manter e para iniciar a missão. Estamos falando de uma geração de jovens – frequentemente inconscientes da realidade social e eclesial que enfrentariam – que tinham que lidar com tantos desafios, entre os quais o da língua que não conheciam, da pobreza de meios, de uma Igreja local que não os entendia... de uma preparação nem sempre à altura do compromisso. Por isso, quantas cartas escritas ao Pe. Alberione, quantos telegramas! Quantas mensagens de resposta enviadas pelo Primeiro Mestre para dar indicações concretas, encorajá-los e motivá-los na missão! Seria possível compor uma espécie de “diário” da vida paulina, feito de testemunhos que têm algo de incrível. O Fundador, em primeira pessoa, cuidava das relações, se fazia próximo, não deixava ninguém sozinho, realizava aquela “cultura do encontro” verdadeiramente determinante para a missão: ele comunicava de coração a coração, pelo que *«cada um de nossos sacerdotes ame a nacionalidade em que se encontra, onde foi ou irá levar a doutrina, a santidade, a graça de Jesus com o poderoso meio de apostolado: a edição»*¹⁶. Seu modo de escrever antecipava um estilo de comunicação que hoje é comumente usado nas redes sociais: um texto breve, feito de poucas palavras, mas incisivas.

As próprias viagens realizadas pelo Pe. Alberione para encontrar a Família Paulina criavam comunhão, modos sempre novos de um artesanato das relações. Suas visitas recolocavam em circulação o entusiasmo, cada um se sentia apoiado nas dificuldades, crescia a consciência de ser uma família de apóstolos e apóstolas. Eis as primeiras três fundações fora da Itália, todas ocorridas em 1931: o Brasil com Pe. Benedetto Trosso e com Pe. Saverio Boano; os Estados Unidos com Pe. Pietro Borrano, acompanhado posteriormente por Pe. Stanislao Crovella e Pe. Mario Gandolfi; a Argentina com Pe. Benedetto Trosso, vindo do Brasil, seguido também ele por Pe. Edoardo Teresio Costa e Pe. Rinaldo Angelo Cozzani.

Não é possível aqui oferecer uma síntese sobre todas as fundações e seus missionários porque são realmente muitos. Deveríamos falar de nossas realidades na Índia, Filipinas, Japão, mas também no Canadá, México, Colômbia, Venezuela... Deveríamos lembrar Pe. Michele Ambrosio, Pe. Guido Paganini e Pe. Alfonso Ferrero (Índia); Pe. Matteo Bernardo Borgogno e Pe. Gaetano Marco Grossi (Filipinas), Pe. Paolo Marcellino e Pe. Lorenzo Bertero (Japão), Pe. Angelo Pettinati e Ir. Angelico Abrate (Canadá), Pe. Francesco Michele Siritto e Ir. Piero Degani

¹⁶ Alberione G., Carissimi in San Paolo, Edizioni Paoline, Roma 1971, pp. 90-91.

(Colômbia), Pe. Ugo Zecchin (México), Pe. Francesco Siritto e Ir. Giuseppe Scarnato (Venezuela), Pe. Giacomo Corrà, Pe. Raffaele Tonni e Pe. Giuliano Zoppi (Congo). Quanta iniciativa por parte dos confrades da primeira hora.

Esta não é uma simples lista de nomes, mas a apresentação de irmãos que doaram toda a vida à missão. A eles deveríamos acrescentar tantos outros: Pe. Domenico Valente (Grã-Bretanha), Pe. Francesco Saverio Borrano (Austrália), Pe. Giovanni Battista Mabritto (Alemanha), Pe. Renato Simoni (Irlanda), Pe. Paolo Marcellino (Coreia), Pe. Giuseppe Costa e Ir. Matteo Toffani (Chile), Pe. Saverio Boano (Portugal), Pe. Paolino Gilli (França) e Pe. Cesare Robaldo (Polônia).

Seus nomes, suas vidas são como um salmo de louvor à Trindade, um cântico de alegria pelas grandes coisas que o Senhor realizou em nossa história e em particular na desses jovens Paulinos que «*deixaram tudo e o seguiram*» (Lc 5,11), tornando-se testemunhas de modo criativo do anúncio do Evangelho. Entre esses jovens devem ser lembrados também Pe. Desiderio Costa e Pe. Antonio Brossa na Espanha, há 90 anos.

Artesãos corajosos, mas também frágeis, às vezes pelas dificuldades devidas às relações entre eles, talvez pelo caráter ou pelo modo de ver as coisas; frágeis por causa da saúde e devido às difíceis situações sociais em que se encontravam. É o caso, por exemplo, de nossa missão na China, quando Pe. Alberione enviou Pe. Pio Bertino e Pe. Emilio Fassino, este último substituído depois por Pe. Agostino Ghione e por Pe. Clemente Canavero. Tiveram que mudar de plano por causa da guerra sino-japonesa (pouco depois da metade dos anos 1930) e então deixar Nanquim, refugiando-se nas Filipinas, e depois de terem retornado em 1938, partir novamente – desta vez de modo definitivo (1952) – porque obrigados pelo governo. Em 26 de abril de 1951, Pe. Speciale anotava em seu Diário: «*Noto tanta tristeza e dor no rosto do Primeiro Mestre. Sem dúvida tem o grande peso de pensar nos filhos e nos irmãos expulsos da China que devem deixar tudo depois de tanto trabalho e depois de tantas esperanças para aquela grande nação*». Em 1947, um confrade, Pe. Vittorio Borrelli, morre na China com apenas 31 anos. Sepultado no cemitério de Nanquim, lá permanecerá como uma semente lançada para o futuro. Enfim, a mesma coisa aconteceu em Cuba e na Polônia, mesmo que nestas duas últimas nações, em tempos mais recentes, a Providência tenha aberto os caminhos para uma nova presença nossa.

O artesanato destes irmãos se expressou nas redações – livros, revistas, subsídios de vários tipos – mas também nas tipografias, rádios, edições discográficas, livrarias, na difusão organizada... nas inúmeras edições da Bíblia e com ela as semanas bíblicas e os dias do Evangelho, até chegar a *San Paolo Film*. Quantas e quantas colaborações com a Igreja local, quantos os modos pelos quais nos inserimos nos diversos contextos.

Desta criatividade nos fala também o engenho de Pe. Enzo Manfredi que viveu por trinta anos na Comunidade do Vaticano e que inventou um sistema de comunicação telefônica múltipla para a Cidade do Vaticano; é uma prova ulterior a fecundidade editorial de Pe. Mauro Ferrero na Índia com mais de cento e vinte livros publicados. Fruto da criatividade é a valorização daquilo que a Providência nos doou no Chile, onde os confrades, ajudados pelo jesuíta padre Alberto Hurtado – canonizado por Bento XVI em 23 de outubro de 2005 – conseguiram comprar uma livraria e a editora *Splendor*. Como então não pensar em tudo o que fizeram alguns confrades para a realização da rádio no Japão e no Brasil? E poderíamos continuar com muitos outros exemplos.

As palavras do Pe. Alberione fazem a síntese de toda esta dinamicidade: «*O estudo da geografia tem um altíssimo objetivo: conhecer os homens: costumes, religiões, leis, meios de cultura, estado demográfico, tendências... para pregar o Evangelho a toda criatura... O Sacerdote [e o Discípulo do Divino Mestre] deve conhecer a geografia como todos os estudiosos... e todas as invenções, meios e bens os buscará enquanto servem a esta altíssima vocação sua*»¹⁷.

¹⁷ Idem, p. 30.

4.2 Artesãos no mundo contemporâneo

Nosso olhar, porém, não pode se deter no passado distante. Sempre e de modos diversos o amor pela missão suscita nos confrades o desejo de continuar a dar novo impulso ao apostolado paulino. Nossa presença ao longo dos anos se expandiu para Nigéria, Gana e Angola; Paraguai, Peru, Bolívia, Equador e Panamá; Macau, Vietnã e Ucrânia. Horizontes tornados possíveis graças à disponibilidade de um bom número de confrades e ao empenho tenaz de várias de nossas Circunscrições. Os apostolados, portanto, continuaram e encontraram novas expressões como, por exemplo, o nascimento dos Centros Paulinos de Estudos em Comunicação, os Centros Culturais e os diversos Festivais. Nosso apostolado se abriu e se integrou à rede digital, às redes sociais. Alguns de nossos confrades produzem documentários e filmes, um bom número realiza programas radiofônicos e televisivos; há fotógrafos profissionais, alguns que escrevem ícones e pintores; temos uma televisão local. E continuamos a investir na formação e na animação bíblica.

Criatividade de Paulinos individuais, mas também de comunidades inteiras, um apostolado vivido junto, porque complexo; hoje, mais do que nunca, as linguagens e os contextos comunicativos devem ser integrados. Eis por que Pe. Alberione se dirigia assim aos confrades da Austrália: *«Ide adiante ajudando-vos mutuamente, em uma colaboração cordial, profunda, íntima. Colocai todas as orações juntas para esta missão que tendes vós, aqui na Austrália»*¹⁸. Certamente estas palavras valem para cada realidade.

Nós fazemos parte deste fluir da vida paulina e damos continuidade a uma história que não termina, membros de um corpo apostólico, de uma missão feita de encontros, de caminhos compartilhados, de tanta humanidade.

5. Artesãos no estilo do Evangelho

Há uma parábola no Evangelho segundo Lucas em que o protagonista é um “especialista em humanidade”: a do bom samaritano (Lc 10,25-37). Um doutor da Lei pergunta a Jesus quem é o seu próximo¹⁹, depois que o Mestre reiterou que amar o próximo é necessário para herdar a vida eterna. E eis a figura do samaritano que, diferentemente do sacerdote e do levita, realiza uma série de gestos de proximidade para com um homem encontrado quase morto e despojado de tudo: aproxima-se dele, enfaixa-o, carrega-o em seu animal, leva-o a uma hospedaria, adianta dinheiro ao hospedeiro. *«Cuidou dele!»* O “próximo” não é só o homem ferido, mas também o samaritano que se faz próximo. É justamente o seu coração que se sintoniza com o do homem assaltado, mostrando conhecer o que sente o coração de Deus por todas as criaturas. Seu coração se abre e, interrompendo a viagem, cuida dele²⁰.

Tudo começa com um olhar: o samaritano “vê”²¹ e é aí que brota o primeiro passo de sua compaixão. Vê a oportunidade de uma ajuda; vê a possibilidade de que lá onde ele não pode, outros podem cuidar do pobre homem. O samaritano tem um olhar amplo, possui uma mentalidade aberta e capaz de construir uma rede solidária. Faz isso concretamente e de modo envolvente²².

A cena é ambientada ao longo da estrada que de Jerusalém desce a Jericó: do centro à periferia. E o samaritano, como homem capaz de descentrar-se, percorre justamente este trajeto e se deixa “distrair” pela nova situação.

¹⁸ Stesuri V.-Perez T.-Venturini P., *Alzate gli occhi, mirate in alto. Il vostro orizzonte è il mondo*, Centro Internazionale di Spiritualità Paolina, Roma 2016, p. 221.

¹⁹ Cf. Lc 10,29.

²⁰ Cf. Papa Francisco, Audiência geral, 27 de abril de 2016.

²¹ Cf. Lc 10,33.

²² Cf. Angelini M.I., *Meditazione al Sinodo dei Vescovi sulla Sinodalità*, Città del Vaticano, 7 ottobre 2024 (<https://www.vaticannews.va/it/vaticano/news/2024-10/sinodo-la-meditazione-di-madre-angelini-del-7-ottobre.html>).

Em tudo o que realiza, o samaritano parece descrever a ação do Filho de Deus. Ele se aproxima da humanidade, enfaixa-a, carrega-a sobre si... cuida de homens e mulheres que estão quase mortos. Ele vê as tantas oportunidades de bem, de cura e cria uma rede de solidariedade que encontra nos Doze os primeiros que se deixam envolver. Eis o sentido da conclusão da parábola: «*Vai, e também tu, faze o mesmo*» (Lc 10,37). Estas palavras não são dirigidas só ao doutor da Lei, mas também a nós leitores dessa página evangélica. Também a nós diz: «*Faze assim*». O “fazer” é sinônimo de viver, “viver assim”, viver tendo um olhar amplo, uma mentalidade capaz de construir uma rede de ajudas, um... artesanato de comunhão.

Nessa parábola, relemos o sentido profundo do nosso apostolado. A exemplo do samaritano, e de Jesus, é necessário deixar-se interpelar pela humanidade de hoje, sentir compaixão (ou seja, “sofrer-com”) da humanidade, perceber que da sorte dos meus irmãos e irmãs depende também a minha, que é necessária uma comunhão de solidariedade, onde as estradas de hoje são também as digitais, porque justamente aí encontramos uma boa parte da humanidade, frequentemente roubada a dignidade, vendida pelos algoritmos.

«*Vai, e também tu, faze o mesmo!*». Jesus parece repetir esta frase também após o encontro com a mulher pecadora na casa do fariseu Simão (Lc 7,36-50). A cena gira em torno de um encontro. Enquanto Jesus está à mesa na casa de Simão, a mulher entra sem anúncio, com um vaso de perfume na mão; chorando, começa a banhar-lhe os pés com as lágrimas, enxuga-os com os cabelos, beija-os, unge-os com perfume. O fariseu se escandaliza com o modo que Jesus acolhe todos esses gestos da mulher, mas Jesus o ajuda a ler de outro ponto de vista o que ela realiza.

Seu olhar para a mulher é cheio de amor: sabe que o choro é pelos muitos pecados e é carregado de arrependimento. O que ela faz, Jesus o percebe como expressão de um amor negado por Simão: «*Não me derramaste água nos pés... Não me deste um ósculo... Não me derramaste óleo na cabeça...*» (7,44-46). Quantas ocasiões perdidas.

Aquela mulher expressa a criatividade do amor, torna-se artesã de uma comunhão surgida do encontro com aquele que é o Amor. As ações que realiza – banha, enxuga, beija, unge, derrama – são seu modo de expressar a passagem da salvação em sua vida. E Jesus está lá, parado diante dela, como o samaritano. O que a mulher realiza para com Jesus evoca tudo o que realiza o samaritano. Os gestos têm o mesmo significado. Ambos são criativos segundo a própria história, as próprias qualidades humanas, a própria cultura. O samaritano e a pecadora nos falam de sua arte em comunicar amor, em viver uma multiplicidade de gestos que têm como finalidade a comunhão²³.

Duas páginas evangélicas que reexpressam o sentido do nosso apostolado. No gesto de comunicar, decidimos, como o samaritano, cuidar dos nossos interlocutores. É um ato de abertura ao outro que contemporaneamente dirigimos a Jesus, Mestre de amor e de misericórdia. Ungir o corpo da humanidade – como Paulinos artesãos de comunhão – é ungir o corpo de Jesus; perfumar o corpo de Jesus é perfumar de ressurreição o corpo da humanidade.

6. Artesãos de esperança no ano jubilar

Uma humanidade ferida, como o homem assaltado da parábola de Lucas, vai em busca de esperança, de um futuro diferente. É o que o Papa Francisco colocou como tema para o Ano jubilar (24 de dezembro de 2024 – 6 de janeiro de 2026). Todos esperam: «*No coração de cada pessoa está encerrada a esperança como desejo e expectativa do bem, mesmo não sabendo o que o amanhã trará consigo. A imprevisibilidade do futuro, todavia, faz surgir sentimentos às vezes contrapostos: da confiança ao temor, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Encontramos frequentemente pessoas desconfiadas, que olham para o futuro com ceticismo e pessimismo, como se*

²³ Valdir José de Castro, Carta anual. Apóstolos comunicadores. Para uma cultura do encontro, Roma, 2018.

*nada pudesse oferecer-lhes felicidade»*²⁴. O “*todos esperam*” torna-se para nós um apelo, porque vendo a realidade na qual estamos imersos nos aproximamos de cada um, fazendo-nos companheiros de viagem. Antes de chegar à cidade dos Santos Pedro e Paulo, não devemos temer buscar quem ainda está fechado em seu mundo, inconsciente de que há o Senhor que o espera. Também nós somos peregrinos; não, porém, solitários, mas próximos de outros «*peregrinos de esperança que não deixarão de percorrer vias antigas e modernas para viver intensamente a experiência jubilar»*²⁵. Entre as vias modernas podemos incluir também as da rede, das linguagens digitais, desses lugares existenciais que podem se tornar espaços de encontro com Cristo. Por isso «*deixemo-nos desde já atrair pela esperança e permitamos que através de nós se torne contagiosa para quantos a desejam. Possa a nossa vida dizer-lhes: “Espera no Senhor, sê forte, fortifique-se o teu coração e espera no Senhor” (Sl 27,14)»*²⁶.

7. Olhando para o amanhã

O tempo em que vivemos precisa de artesãos de comunhão e também nós podemos dar a nossa contribuição. Fê-lo a Igreja dos inícios, assim como contam os Atos dos Apóstolos²⁷. Impelida pelo Espírito foi capaz de falar línguas diferentes e de deixar Jerusalém por novos horizontes. O mesmo Espírito agiu na primeira geração de Paulinos e em tempos mais recentes nos confrades que com igual generosidade e espírito de sacrifício deram vida a novas comunidades e a novos apóstolados. Onde há o Espírito há criatividade, é-se generativo, a vida se difunde: «*Todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem»* (At 2,4). E o Espírito que é amor, ainda hoje continua a nos conduzir lá onde há necessidade de ressurreição.

É este, portanto, o momento de nos fazermos algumas perguntas. Perguntemo-nos, com honestidade, se estamos verdadeiramente disponíveis para deixar operar o Espírito do Senhor: lá onde há resistências que repetidamente emergem, a criatividade diminui, o apóstolado sofre, não se testemunha mais a comunhão como estilo de vida de quem está no seguimento de Cristo... Como vivo a missão? De modo cansado e repetitivo ou com o desejo de abrir novas estradas para o Evangelho? Os projetos apostólicos têm em si mesmos uma saudável dose de coragem, de iniciativa? Como alimento a alegria de ser apóstolo, “editor” Paulino criativo e generoso? Estou consciente de que hoje é verdadeiramente necessário “mostrar” e não “demonstrar”, que a vida nova se vive antes de tudo na comunhão entre confrades, com o povo de Deus e com Jesus Mestre? Empenhamo-nos em construir comunidades acolhedoras, capazes de dialogar, de caminhar juntas, em saída? Ofereço a minha contribuição para que a comunidade promova uma “cultura vocacional” e portanto se torne proposta vocacional? Amo a estudiosidade para renovar o meu apóstolado? Recorro à oração para ser generativo, para viver uma criatividade que deriva de uma profunda sinergia com Cristo Caminho, Verdade e Vida? Essas interrogações nos ajudam a não dar por garantida a qualidade da nossa vida paulina.

Caros irmãos, o anúncio do Ressuscitado e de seu Evangelho é verdadeiramente necessário. A humanidade pede e espera encontrá-lo. Justamente à luz deste incessante pedido, desse grito às vezes sem expressão, cada um de nós redescobre o sentido da sua vocação, cuidando de uma humanidade despojada. Hoje, como ontem, é verdadeiramente necessário um artesão paulino, uma criatividade que gere comunhão em todos os níveis. A cada um de nós o Espírito doa uma nova coragem para ser empreendedor e em particular às novas gerações. O

²⁴ Papa Francisco, *Spes non confundit*, Roma, 9 de maio de 2024, n. 1.

²⁵ Idem, n. 5.

²⁶ Idem, n. 25.

²⁷ Cf. At 2,1-11.

Espírito nos pede para viver a nossa missão com mais liberdade interior, maior disponibilidade, prontos também para deixar a própria terra, a própria cultura e sobretudo a própria mentalidade para viver em novos contextos existenciais. Há necessidade de novos apóstolos de coração generoso para dar continuidade àquele processo que nos torna disponíveis para a evangelização. Justamente nesta época tão contraditória somos chamados a ser menos calculistas no bem, não presos pela comodidade. E isto em cada âmbito apostólico.

Pensemos no apostolado bíblico que chegou ao seu primeiro centenário (1924-2024). Também hoje há necessidade de que a Palavra de Deus entre na vida e nos corações das pessoas, Palavra não só impressa, mas sempre doada com criatividade. Reavivemos o apostolado bíblico das nossas Circunscrições. A própria SOBICAN, por seu caráter de realidade internacional, potencialize não só o trabalho de novas traduções, sempre preciosas e necessárias, mas também a sua vocação de animação e formação bíblica nos diversos contextos eclesiais e sociais.

Como então não considerar a pastoral vocacional. Cada apostolado precisa de apóstolos. Há realidades onde os jovens ainda respondem ao chamado do Senhor, enquanto em outras há como que uma difusa surdez. No entanto, como nos acaba de lembrar o Seminário sobre a Pastoral Vocacional Paulina (Ariccia, 20-25 de outubro de 2024), cada comunidade pode fazer crescer uma “cultura vocacional”, pode ser generativa e testemunha daquela alegria verdadeira que provém do dom da vida. O “editor” Paulino, vivendo a sua missão na escola do Mestre e com paixão, é verdadeiramente uma testemunha que interroga e interpela o mundo juvenil também no que diz respeito à vocação paulina.

O Ano jubilar nos dá a oportunidade de sermos peregrinos de esperança. Não será fácil para todos vir a Roma. Daí o convite a valorizar as propostas do Jubileu nas diversas realidades eclesiais. Aproveitemos este tempo santo, tempo de reconciliação com o Senhor e entre nós, um tempo de libertação da nossa autorreferencialidade. Redescubramos a alegria de ser artesãos de comunhão, através de um apostolado não frenético mas fecundo, fruto da comunhão com o Senhor. Peçamos ao Espírito que opere em nós aquela mudança de mentalidade desejada pelo Apóstolo²⁸ e tão sublinhada pelo XI Capítulo geral.

Como sublinha o Papa Francisco: *«Este é o tempo para ser artesãos de comunidades abertas que saibam valorizar os talentos de cada um. É o tempo de comunidades missionárias, livres e desinteressadas, que não busquem relevância e retornos, mas percorram os caminhos da gente do nosso tempo, inclinando-se sobre quem está à margem. É o tempo de comunidades que olhem nos olhos os jovens desiludidos, que acolham os estrangeiros e deem esperança aos desanimados. É o tempo de comunidades que dialoguem sem medo com quem tem ideias diferentes. É o tempo de comunidades que, como o Bom Samaritano, saibam fazer-se próximas de quem está ferido pela vida, para enfaixar suas chagas com compaixão»*²⁹. Sim, este é o tempo que nos é dado pela Trindade para que também nós – como a mulher do Evangelho segundo Lucas – façamos do nosso apostolado o perfume precioso que alcança cada canto da terra e que brota do estar inclinados aos pés do Mestre Divino num gesto carregado de amor.

Roma, 8 de dezembro de 2024

Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria



Domenico Soliman
Pe. Domenico Soliman
Superior Geral

²⁸ Cf. Rm 12,2.

²⁹ Papa Francisco, Discurso aos participantes do encontro promovido pelo Departamento Catequético Nacional da Conferência Episcopal Italiana, Cidade do Vaticano, 30 de janeiro de 2021.